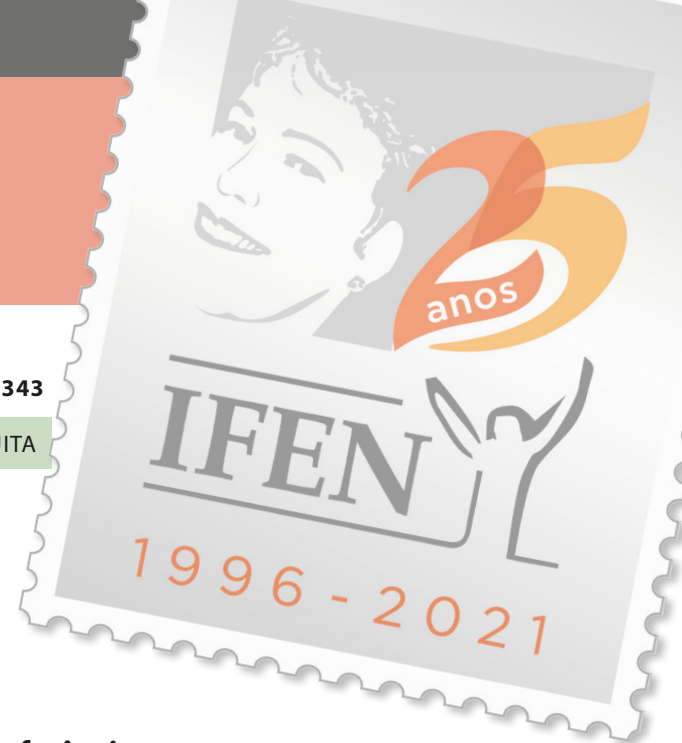




Psicologia Comunitária e Psicologia Clínica: Uma Proposta de Convivência Pacífica

Há vários caminhos para discutir a dicotomia que em certo momento se instaura entre psicologia comunitária e a psicologia clínica. Não é de se estranhar que as polaridades ganhem força, uma vez que a ideia de alcançar a verdade vige na humanidade desde Platão. Para alcançá-la foi necessário pensar em termos de dicotomias: homem e mundo, ou sujeito e objeto, que foi estabelecida no intuito de abandonar um dos polos para que o outro fosse o lugar da verdade. Esse modo de chegar à verdade passou a acontecer primeiro estabelecendo a dicotomia, que são várias: universal e singular, indivíduo e multidão, pessoal e impessoal, autêntico e inautêntico, particular e social. Depois, procedendo à abolição de um dos polos. Uma vez agindo dessa forma, bastava que a pesquisa se voltasse para um deles que, apresentando-se em sua constituição e dinâmica, teria todos os mistérios de sua realização desvendados.

O advento do individualismo, que ganha força e relevância na modernidade, sem dúvida, posiciona o modo como as diferentes disciplinas científicas irão estabelecer seu modelo de ação modificadora do comportamento dos sujeitos. Sujeitos, em oposição ao mundo, entendidos como um ser singular, livre, autônomo, dotado de uma interioridade que lhe garante uma identidade única. Esse sujeito por todas essas características passa a ser o único responsável pelo seu destino, afinal é dono de sua vontade, e acredita que basta querer para poder conquistar tudo o que desejar. É nessa atmosfera de individualização, com um modelo a ser seguido, que a ação clínica ganha espaço, já que atua com fins à adaptação, à adequação, ao ajustamento e à normalidade.

No Brasil, desde a regulamentação da Profissão de Psicólogo em 1961, a psicologia em uma perspectiva individualista ganha relevo. Em consulta aos códigos de ética do psicólogo (Jornal PSI/SP, 2013), concluímos que nos códigos de ética desde 1975, a ênfase recai na psicologia clínica, apenas

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo



em 2005 aparecem questões referentes à atuação de psicólogos em diversos contextos sociais.

Em 1974, surge a psicologia comunitária que no início denomina-se psicologia social e prática clínica e, em 1980, inaugurou-se a As-

sociação Brasileira de Psicologia Social. Ambas surgem com o intuito de promover à saúde com atuações junto às comunidades, em uma enfática crítica aos modelos ortopédicos.

Em síntese, no auge da psicologia clínica, o polo comunitário foi abandonado, na medida em que a psicologia comunitária ganha relevo, o indivíduo perde espaço. A proposta que nasce dessa discussão é: como pensar em uma convivência pacífica entre a psicologia comunitária e a psicologia clínica?

Na tentativa de conciliação das práticas comunitária e clínica, vamos ao encontro de uma concepção heideggeriana do ser-com. Heidegger (1927/1998) em uma crítica às perspectivas dualistas, propõe o ser-com como o mais originário, elemento unificador do binômio ser e mundo.

Apostamos em uma construção de práticas ético-políticas pela necessidade urgente de se estabelecer uma união entre clínica e comunidade. A clínica então se estabelecerá como processo sócio-político de injeção dos assujeitados, resistência à massificação e a derrocada do poder do impessoal no gerenciamento da vida.

Doutora em Psicologia. Professora associada da UERJ.
Sócia Fundadora Benemérita e Professora do IFEN.

Referências

- Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo*. (Márcia de Sá Cavalcanti, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1927).
Jornal Psi/S. P. (2013). *Procedimentos éticos 50 anos de cuidado*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia.

Editorial

O INFORMATIVO IFEN nº 5 celebra os 25 anos de existência do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, que tem se dedicado com entusiasmo e seriedade ao propósito de desenvolver e divulgar o pensamento fenomenológico-existencial em Psicologia.

As matérias que compõem este INFORMATIVO são sinopses de algumas apresentações que serão proferidas no evento online *IFEN - tradição de 25 anos*, nos dias 28 e 29 de maio de 2021. Este número reúne estudos e depoimentos de profissionais que fizeram parte da história do instituto, no momento de sua fundação e participando no aprofundamento dos estudos desenvolvidos no IFEN que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento de suas práticas e de novas experiências institucionais.

O lançamento do Selo Comemorativo pelos 25 anos do IFEN é parte importante desta comemoração por prestar a justa e necessária homenagem à sócia fundadora benemérita professora Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, idealizadora do IFEN, que se manteve a frente do instituto, trabalhando em prol do desenvolvimento científico e acadêmico nesta visada em Psicologia. Sua vocação pela docência e pioneirismo em seus estudos, marcaram de forma decisiva a formação de muitos profissionais que hoje são reconhecidos estudiosos, professores e clínicos na perspectiva.

A força, solidez e resistência do IFEN são frutos do trabalho idealizado e liderado por Ana Maria Feijoo que conta com as sócias Elaine Feijoo, Bernadete Lessa, Myriam Protasio e mais recentemente Flávia Protasio, atuando ativamente na promoção e divulgação dos estudos e pesquisas por meio da Edições IFEN e aperfeiçoando e ampliando a prática clínica ao oferecer Especialização, Formação, Grupos de Estudos e Supervisão na perspectiva Fenomenológico-Existencial.

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

O conteúdo na íntegra de cada matéria e o emprego das normas ortográficas e de concordância e regência é de responsabilidade exclusiva das autoras e autores.



Um tempo, um lugar e um encontro

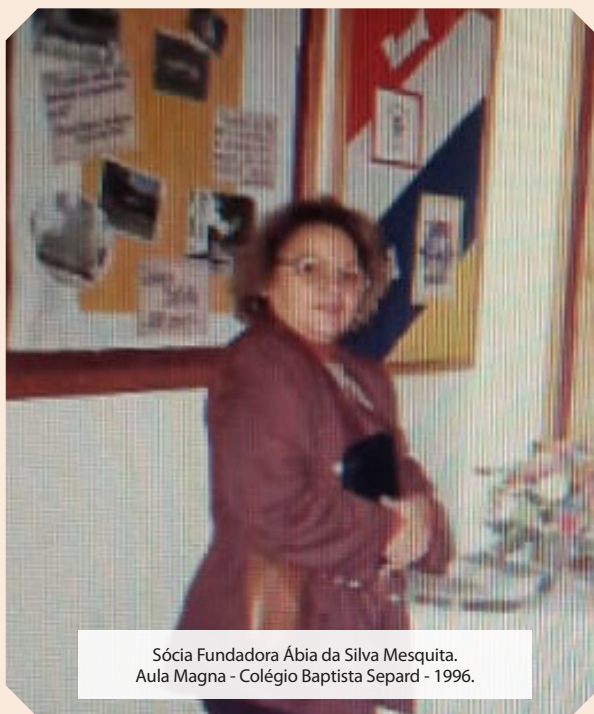
Há 25 anos um grupo de pessoas sedentas de Saberes buscavam o aprimoramento em um campo fértil de ideias e conhecimentos. A busca terminou e o Encontro aconteceu num pequeno e aconchegante Lugar onde refúgio, compreensão e esperança habitavam. A recepção veio pela competente Psicóloga Ana Maria Feijoo, Professora, Orientadora, Supervisora e amiga. Um aprendizado rico onde a Prática e a Teoria se misturavam nesses Encontros gerando trocas constantes de experiências.

O Tempo passava, mas algo faltava para complementar aquele espaço que abrigava as fervilhantes cabeças que cresciam em conhecimento. O terreno estava preparado, nasceu o sonho que se transformou em ideia motivando a ação. Deste modo, a boa semente foi lançada neste campo fértil surgindo assim um Lugar propício para estudo, pesquisa, crescimento e desenvolvimento da Psicologia Fenomenológica Existencial concretizando a realização do sonho e o nascimento do IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológica Existencial do Rio de Janeiro, que agora já faz história.

Plantada a semente no Tempo devido, no Lugar certo, onde há colheita saudável, ali o inevitável Encontro acontece dentro do foi sonhado e agora nada mais promissor e próspero do que aguardar com Fé a permanente entrada do sucesso.

A existência desse espaço e o esforço constante de seus integrantes, para manter a qualidade no cumprimento de uma difícil missão, acreditando no ilimitado potencial do ser humano e da sua capacidade de recuperação faz deste trabalho um sacerdócio juntando-se a sabedoria e a compreensão.

Tudo que até hoje se construiu está descrito nas páginas da vida; quer por escolhas realizadas, quer pela liberdade conquistada para caminhar segundo a consciência. Embora o relógio tenha parado por um tempo e os projetos sonhados continuem em compasso de espera, necessário é, ajustar os ponteiros, com a visão de uma realidade futura e de forma propositiva, optando por nunca desistir e direcionar o olhar confiante para um novo amanhã. O momento é de rever



Sócia Fundadora Ábia da Silva Mesquita.
Aula Magna - Colégio Baptista Separd - 1996.

Ábia da Silva Mesquita

os planos filtrando o viável ou buscando novas alternativas para continuar seguindo os passos orientados pela Fé e pela Sabedoria.

Usando a Sabedoria em qualquer Tempo ou Lugar um perfil que bem ilustra os valores, as virtudes e o aprimoramento de um bom Psicólogo, no cumprimento de sua Missão, estão contidos dentro das palavras citadas nas Escrituras (cartas de Tiago 3:17) “A Sabedoria vem do alto é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia”

O caminho estará sempre aberto para o conhecimento e o crescimento daqueles que acreditam nos sonhos, perseveram no Tempo que abreviará o tão esperado Encontro para mostrar o Lugar até onde as escolhas possam levar.

Psicóloga e Sócia Fundadora do IFEN.



Fernanda Amaral, Marinete Ferreira e Ana Maria Feijoo.
Congresso Latino - 2012.



Sócios fundadores Edith do Rego Monteiro
e Ivan Samel - 1996.



Sócia fundadora Celeste Maria Maciel - 1996.



Simone, Myriam, Bernadete, Ana Maria e Marinete.
Aula Magna - Colégio Baptista Shepard - 1996.

Breves considerações sobre os estádios no caminho da vida

Meu primeiro contato com o pensamento de Kierkegaard aconteceu no IFEN e teve como incentivo os grupos de estudos coordenados pela professora Ana Maria Feijoo. Uma questão que logo me atraiu, e que foi meu tema na monografia da Especialização no IFEN, foi a dos estádios ou esferas da existência, o estético, o ético e o religioso. Continuando os estudos pude ver que Kierkegaard estabelece uma comunicação indireta e assistemática na qual os estádios são apresentados como personificações - pessoas, dramas, histórias, com o firme propósito de desautorizar a ideia de um sistema da existência no qual o religioso surgiria como resultado de uma via única e ascendente que teria se iniciado no estádio estético.

As diferentes modalidades ou esferas devem ser pensadas como passagem e movimento constante na medida em que se referem tanto ao estádio em que o indivíduo se encontra (estético, ético ou religioso) quanto à situação mesma em que ele se encontra, em seus riscos e possibilidades (Sousa, 2018). Na esfera estética, o indivíduo está

submerso na experiência do momento e às possibilidades que ali se abrem e o risco é que ele seja indiferente às consequências. Na esfera ética, arrependimento, decisão e vontade mostram o interesse para com a realidade, unindo a experiência do momento com o consequente e convocando a que o indivíduo decida sobre seu modo de existir. Aqui o risco é o indivíduo achar que tudo depende de sua decisão.

Na esfera religiosa está em questão aquilo que importa na totalidade da existência em seu fluxo e que não se determina a priori. As ações e realizações alcançadas estão afinadas com as exigências do momento (o sensível) mas, também, com a continuidade do existir e com o próprio caminho rumo a si mesmo, no qual o indivíduo experimenta sua fragilidade e impossibilidade de determinar os acontecimentos, deixando-se orientar e transformar pelas exigências do caminho e pela relação com algo maior que ele (o eterno, a continuidade). O modo como se faz o caminho é o fator decisivo (Kierkegaard, 2016).

Myriam Moreira Protasio



Kierkegaard mostra que o indivíduo pode descobrir que sofrimento e tribulação se relacionam com as decisões tomadas, acolhendo-os como parte do caminho e expressando na existência uma orientação rumo ao que importa. E, diz ele, pode haver alegria em afinar-se com o que importa (Kierkegaard, 2018).

Meus 25 anos no IFEN foram vividos como um caminho que, na medida em que eu continuava os estudos, alegrava ao se renovar como um modo de pensar e fazer no qual eu e o próprio IFEN nos transformávamos. Sou imensamente grata à vida por me ter dado este espaço.

Referências

- Kierkegaard, S. (2016) *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*, Vol. II. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kierkegaard, S. (2018) *Discursos edificantes em diversos espíritos*. São Paulo: LiberArs.
- Sousa, E. M. (2020) O Sofrimento no Caminho do Bem na Verdade: Reflexão sobre Estádios e Esferas da Existência In *Interlocuções da Psicologia Clínica com a Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: IFEN.



Elaine, Ana Maria, Myriam e Bernadete - 2012.

Doutora em Filosofia. Especialista pelo IFEN. Sócia Titular Fundadora e Professora do IFEN.

Os estágios da existência no século XXI

O estádio estético

Estética era um saber sobre as artes. Em dias de apreço artístico, implicava no desfrute delas. Mas Kierkegaard viu que, sem freios ético-religiosos, o esteta evitaria o matrimônio. Se hoje alguém acha que o importante é ser feliz, e põe isso acima do caráter, eis o estágio estético.

Sucede que, no passado, a educação apurava o gosto estético; hoje o gozo é mais grosseiro. Um sedutor era alguém dotado para driblar resistências morais que hoje só existem como exceção. A vida promíscua agora não exige os talentos estéticos de um casanova.

Nem Nietzsche conceberia a vida imoralista sem estética. Não temos mais um refinamento das percepções artísticas, embora a orientação para o desfrute seja quase absoluta.

O estádio ético

Outras formas de desfrute inartístico são hoje apresentadas como “alternativas éticas”!

O relativismo dos valores afastou a ética do dever de consciência, embora um exame dela, e não da vontade, chegue às mesmas conclusões. Quem faria da injustiça um bem e da justiça um mal? Quem veria no desonesto um homem de caráter, e na honestidade uma vilania?

Mas sociólogos e antropólogos cotejaram costumes, adotando a estratégia dos cétricos. Cristalizada a noção de que era impossível identificar bem e mal, os reclamos do dever foram inviabilizados.

A psicologia da moral ajudou a desmoralizar as virtudes como coberturas para o ressentimento. Como se toda realização moral fosse hipocrisia, e a existência ética, sequer uma alternativa.

Se política exigia uma vida modelar, desde Maquiavel, um realismo político, unido à ideia de utopia, justificou toda sorte de trapagens. Mas querer consertar o mundo e exigir dos outros um comportamento ético, em vez de cobrá-lo de si, isso sim é hipocrisia.

Outros ataques à ética fingiram enfrentar distúrbios psíquicos. Já que a vontade pode entrar em conflito com a consciência, não seria melhor calá-la? Mas calá-la não é tornar o homem semelhante a um psicopata?

O estádio religioso

Se o homem não tem do que se arrepender, o problema do mundo vem de onde? Mil malabarismos foram feitos para tornar formas imperfeitas de sociedade em bodes expiatórios de um mal que ninguém queria combater em si.

Henri Nicolay Levinspuhl

Com o descrédito da metafísica, intelectuais já não levaram a sério a existência de Deus. Avesos ao cristianismo, ou favoráveis a uma visão nada ortodoxa, foram ao deísmo, ao panteísmo, ao materialismo, e do hegelianismo ao socialismo. O cristianismo dificilmente conta agora com espaços públicos para aprimoramento.

Intelectuais como Nietzsche disseram que o único cristão morreu na cruz. Cristãos não passariam de hipócritas, e muita gente pensa assim.

Mas Cristo nunca disse que seus discípulos seriam todos modelos exemplares, mas era o Redentor a perdoá-los ainda que tropeçassem diariamente. Confessamos não ser tão éticos quanto pensávamos. Abandonamos o mal de que temos consciência, e contamos com Deus para viver como não conseguimos por esforço próprio. Mas o menor no reino dos céus é maior que João Batista; nem os mais perfeitos na terra se comparam aos menores no céu.

Autor, tradutor e professor de filosofia.



Ana Maria Feijoo e Henri Levinspuhl - 2004.

Uma vez ao mês em
uma sexta-feira, das
19 às 20:30h

cinema
FEN

Venha ter uma experiência
diferente de cinema !!!

É possível uma psicopatologia a partir do pensamento de Martin Heidegger?

Em Psicopatologia Geral, Jaspers (1987) torna visível a sua dificuldade em ajustar, dentro de um mesmo contexto, paradigmas que se mostram talvez não conciliáveis. Por um lado, ele chama a atenção para o limite da própria psicopatologia, que seria o de “jamais poder reduzir inteiramente o indivíduo humano a conceitos psicopatológicos”. (p.12). No entanto, ao tentar objetivar o fenômeno psíquico considerado patológico, ao caracterizá-lo e classificá-lo, fica clara a dificuldade de circunscrever o fenômeno e, ao mesmo tempo, manter o seu horizonte de abertura, de singularidade, conforme parece ser a sua proposição.

O alerta feito pelo grande psicopatologista alemão de que “o diagnóstico é a última coisa na compreensão psiquiátrica de um caso (...); é o que há de menos essencial no trabalho realmente psicopatológico” (Jaspers, p. 33), nos parece oferecer algumas pistas para respondermos a nossa questão inicial. A palavra compreensão nesse caso é a chave.

O modo como a psicopatologia contemporânea, sobretudo sobre a influência da psiquiatria americana, fez uma apropriação da fenomenologia, a afastou decisivamente de qualquer interesse compreensivo. Como assevera Ehrenberg (1998), isso

não é algo fortuito, mas proposital, atendendo aos interesses da pretensão ateoricismo do DSM III e das versões que o seguiram, acabando por reforçar os paradigmas biologizantes.

O modo como Heidegger (1998) vai pensar a fenomenologia, por outro lado, envolve em sua base um movimento compreensivo, a ponto de chamarmos o seu método uma fenomenologia-hermenêutica.

O próprio Heidegger parece acreditar na possibilidade de que o seu pensamento pudesse ajudar na compreensão do processo de adoecimento, como fica claro nos seus contatos regulares com Medard Boss. No primeiro dos Seminários de Zollikon (Heidegger, 2001) ele apresenta a ideia da nossa condição mais originária de sermos desde sempre enquanto um aberto. O seu entendimento é o de que uma visão daseinsanalítica necessariamente implica em uma ruptura com as representações objetivantes da psique. Ao invés de pretender a objetivação do fenômeno psíquico, conforme asseverada por Jasper, Heidegger deixa clara a sua descrença nessa possibilidade.

Desse modo, a resposta à pergunta inicial nos parece ser depende. Se por psicopatologia entendermos um modo de apreensão do fenômeno psíqui-

Joelson Tavares Rodrigues

co categorizado como patológico, buscando a sua objetivação e eventual classificação, cremos que o pensamento de Heidegger tem pouco a colaborar. Por outro lado, no entanto, se nos aproximarmos do fenômeno, sustentando a sua estranheza originária, a sua manifestação singular, abrindo um âmbito compreensivo para a experiência do sofrimento, acreditamos que as suas reflexões podem ser extremamente oportunas.

Referências

- Ehrenberg, A. (1998). La fatigue d'être soi. Paris: Éditions Odile Jacob.
 Heidegger, M (1986). Ser e tempo. Petrópolis: Editora Vozes.
 Heidegger, M (2001). Seminários de Zollikon. Petrópolis: Editora Vozes. São Paulo: Editora PUC SP.
 Jaspers, K. (1987). Psicopatologia Geral. Psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia. Rio de Janeiro. São Paulo: Livraria Atheneu.

Doutor em Psicologia. Professor Adjunto da UFRJ.
 Professor do IFEN. Especialista pelo IFEN. Médico Psiquiatra.



Joelson Rodrigues, Ana Maria Feijoo, Roberto Novaes, Alessandro Gemino e Leonardo.



Joelson Rodrigues, Myriam Protasio, Roberto Novaes, Eloisa Aguiar e Ana Maria Feijoo. Autores no lançamento do livro Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade - dezembro de 2007.



Bernadete Lessa, Ana Maria Feijoo, Elaine Feijoo e Myriam Protasio em lançamento do livro Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade - primeiro livro editado pela Edições IFEN - dezembro de 2007.



A psicoterapia à beira do abismo

Com relação ao exercício de atenção psicoterapêutica, Martin Heidegger nos desafia a inaugurar uma prática clínica não subordinada aos modelos normativos das ciências, sublinhando “o abismo entre as ciências-naturais e a observação do homem” (2017, p. 51). Com efeito, vislumbrar este abismo exige fundamentalmente reconhecer na dinâmica existencial humana sua irreducibilidade ao cálculo das ciências, uma vez que nenhum conhecimento objetivo garante o acesso direto e claro aos fenômenos existenciais tais como acontecem.

Tal abismo se constitui pela diferença fundamental entre o modo de pensar das ciências naturais, que interpela os fenômenos com vistas à objetivação, mensuração e causalidade, e a investigação fenomenológica cuja atenção se volta ao próprio dar-se e mostrar-se dos fenômenos. Entende-se, então, que ao nos fixarmos na objetividade esquecemos o próprio fenômeno da existência como aquilo que torna possível os entes se mostrarem enquanto tais. Presente isto, transpor o abismo requer nos deslocarmos do universo da natureza e objetividade em que se instala a razão científica em direção à compreensão de uma dimensão diversa, qual seja, a da existência mesma, em sua contingência inelutável.

Se o homem não está no mundo da mesma forma que os objetos naturais estão, isto significa que ele não pode ser investigado ou explicado da mesma maneira em que os objetos ordinários o são. É neste sentido que podemos verificar um abismo entre as ciências e os fenômenos da vida humana, pois aquelas operam segundo o princípio de que nada a não ser seu método alcança um conhecimento real e verdadeiro; suas explicações, contudo, são sempre tardias com relação à singularidade do acontecimento existencial e não nos permitem per se saber da experiência de nossos analisandos.

Nós, psicoterapeutas, precisamos apreender não apenas o plano objetivo, como também, especialmente, a dimensão existencial que possibilita a própria relação clínica. Isto é, torna-se mister discernir entre o universo no qual operam as representações científicas e a dimensão existencial em que nós mesmos primordialmente habitamos: a dimensão de um acontecimento que se dá no espaço aberto pela compreensão do ser, âmbito em que nos compreendemos sendo e, simultaneamente, iluminamos o ser dos entes que vêm ao encontro.

O que tal compreensão clínica pleiteia, portanto, não é outra coisa senão preservar o âmbito de pertencimento dos fenômenos que nela se apresentam: a compreensão dos sentidos e as pos-

Fernando R. Magliano

sibilidades humanas de relacionamento. O que acontece nesta dimensão não pertence ao campo dos objetos naturais por se constituírem essencialmente como condições existenciais que nos convidam a realizar uma apropriação de sentido. Somente buscando acolher a existência sem tratá-la como objeto e reconhecendo nela a condição de instauração de qualquer sentido a partir do mundo, podemos inaugurar uma compreensão psicoterapêutica existencialmente orientada. Para tanto, é necessário primeiro, como aponta o pensador, vermos o abismo onde nossas práticas abeiram.

Referências

Heidegger, M. (2017). In Boss, M. (Ed.), *Seminários de Zollikon: Protocolos – Diálogos – Cartas* (3ª ed.) (Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1987).

Doutor em Psicologia Social. Especialista pelo IFEN.
Professor do IFEN. Psicólogo Clínico.



Fernando Magliano, Tais Sá, Roberta Rodrigues e Elaine Feijoo. 1ª Turma do Curso de Aperfeiçoamento de Professores



Fernando R. Magliano

Aulas 100% ONLINE AO VIVO

Situações Clínicas em Debate

(Supervisão)

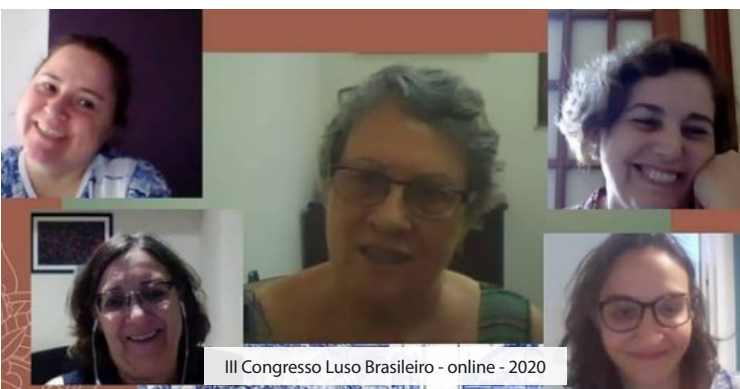
Início em agosto



Ruth Escudero



Myriam Protasio, Ana Maria Feijoo, Bernadete Lessa e Elaine Feijoo - 2004



III Congresso Luso Brasileiro - online - 2020



Roberto Novaes, Cristina Rauter, Ruth Escudero e Ana Maria Feijoo - Defesa de Mestrado - UFF - 2004



Elaine Feijoo, Myriam Protasio, Roberto Novaes, Ana Maria Feijoo e Bernadete Lessa - IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia Existencial e Enfoques Afins - 2012.

Fragmentos reflexivos sobre os perigos no cuidado a usuários de drogas

Ruth Escudero

O uso de drogas não é um assunto novo. Ao contrário, pode-se afirmar que esta é uma prática milenar e que foi, por muito tempo, considerada em diversas sociedades, como aceitável. Entretanto, no decorrer da história e a partir de interferências de campos diversos, como o saber médico e o jurídico, tal uso alcançou status de “grave problema social”, “epidemia”, “questão de segurança mundial”, causador de variados prejuízos. Criou-se um terreno propício ao surgimento de tratamentos com vistas a intervir neste “problema”.

A fim de pensar sobre alguns possíveis perigos presentes na utilização de estratégias de “tratamento” e muitas outras abordagens desenvolvidas no âmbito da Psicologia e aplicadas no cuidado a usuários de drogas, vamos recorrer a algumas reflexões desenvolvidas por Heidegger (1889/1976).

Em *Ser e Tempo* (1998), Heidegger desenvolveu um modo de pensar, onde pretendia buscar o fenômeno a partir de como ele próprio se apresenta, estabelecendo assim, o método que chamou de fenomenologia-hermenêutica. Desta forma, lançou as bases para posteriormente tematizar as pretensões de domínio, controle, previsibilidade e superação, tão peculiares à ciência moderna.

A ciência, através do seu método, pretende enquadrar, de forma antecipada, tudo aquilo a que se quer compreender ao âmbito dos objetos calculáveis e previsíveis. Inclusive o próprio homem, que passa a ser reduzido aos seus potenciais de utilidade e produtividade; tornando-se imperativo o desenvolvimento e o avanço ilimitados de técnicas que auxiliarão tal intento.

É preciso perceber as consequências que este modo de relação pode acarretar nas práticas clínicas que pretendem ser relações de ajuda. O que vemos são relações que se caracterizam pela

ocupação do outro semelhante a um instrumento, onde as técnicas devem ser aplicadas. Este modo de relação é o que Heidegger denomina de “*preocupação substitutiva*” uma vez que há uma substituição do outro, sempre lhe dizendo o que fazer e qual a melhor maneira (a mais “funcional”). Os profissionais de saúde acreditam que ao fornecer informações para os pacientes sobre os riscos do uso de drogas, manuais para sua educação ou aplicação de técnicas variadas, será possível que ele volte a ter “controle” sobre sua vida, podendo então vivê-la “normalmente”. A clínica, ao se decidir sobre quais modos de ser são adequados, se mostra excludente de todo movimento de criatividade e inovação. E excludente de todos aqueles que não se submetem ou não se ajustam a esses padrões.

Desta forma, ao profissional de saúde que pretende ajudar, é importante que assuma o modo de relação que Heidegger chama de “*anteposição libertadora*”, que busca devolver a condição de existente, liberando “o outro em sua liberdade para si mesmo” (Heidegger, 1998, v I, p. 169). Assim, a singularidade deve ser tomada como princípio desta relação de ajuda, libertando o homem para o devir e favorecendo a criação de novos posicionamentos frente ao seu uso de droga e ao seu viver.

Referências:

Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, v.I, v.II.

Mestre em Psicologia. Especialista pelo IFEN. Professora do IFEN. Psicóloga Clínica em consultório particular e no CAPS AD da Prefeitura Municipal de Macaé.



Sartre e a clínica: 15 anos da trajetória de uma disciplina em constante construção

Neste mesmo ano em que o IFEN completa seus 25 anos de existência dedicada ao ensino e pesquisa acerca da psicologia clínica na perspectiva fenomenológica-existencial, a disciplina dedicada à articulação deste modo de clinicar com o pensamento de Sartre é debutante – completa seus 15 anos. No ano de 2006, recebi da professora Ana Maria Feijoo o convite para compor o quadro docente do IFEN ministrando a estreante disciplina chamada Sartre: existência e essência. Eu, juntamente com a colega e amiga Virgínia Louro, tivemos a honra de ministrar as primeiras aulas sobre a filosofia de Sartre para os alunos do IFEN. Nessa trajetória de 15 anos, outros reconhecidos estudiosos de Sartre trouxeram grandes contribuições com novas disciplinas, cursos e palestras, enriquecendo o diálogo com o pensamento de Sartre neste influente instituto de formação, do qual tenho a satisfação de permanecer em seu quadro docente.

Sem dúvida, as temáticas e discussões que atualmente compõem a disciplina relativa ao pensamento sartriano são fruto de um constante ali-

nhavo entre meu percurso de formação acadêmica como professora e a fertilidade das discussões nutridas pelos próprios alunos. É essa co-pertença que dá contorno a uma disciplina em constante elaboração e permite que o ressoar do pensamento de um determinado autor em nossa práxis profissional ganhe vida e alcance voos para além daquilo que seus escritos anunciam. Aí talvez resida a grandeza do pensamento de Sartre: muitas vezes considerado um filósofo do século XX, circunscrito aos acontecimentos de sua época, seu pensamento ainda ressoa e mostra sua força propulsora ao despertar novas reflexões a partir da pluralidade de suas obras, expressas tanto no campo filosófico, como na psicologia, literatura e em suas lutas políticas. Esse pensamento múltiplo, que tem na liberdade humana seu pilar fundamental, permite uma fecundidade de estudos e diálogos com a psicologia clínica e com os diversos contextos situacionais que contornam a existência humana. Se o pensamento de Sartre se caracteriza como essa recusa em atribuir uma essência dada e definidora

Carolina Freire de Araújo Dhein

à existência, se Sartre foi esse grande pensador em movimento, engajado com as questões de seu tempo e preponderantemente defensor da possibilidade de transformação humana, as disciplinas dedicadas ao seu pensamento e ministradas ao longo dessa trajetória abrem um horizonte de compreensão que não poderiam resultar num arcabouço conceitual de saberes enrijecidos em um único formato. Ao contrário, só poderiam se caracterizar por meio às costuras, sempre em movimento, dos principais temas que se apresentam em seus textos filosóficos e literários e a atenção às urgências daquilo que se mostra no espaço de constituição das demandas humanas em seu horizonte contemporâneo.

Doutora em Psicologia. Especialista pelo IFEN.
Professora do IFEN. Psicóloga clínica.



Evento UERJ apoiado pelo IFEN.



Banca da defesa monografia do Curso de Especialização de Camilha Gadelha.



1º Curso para professores do IFEN.

Grupo de Estudos



Ministrado pela Prof.^a
Carolina Dhein
CRP: 05/29373

Aulas 100%
ONLINE
AO VIVO



Início em agosto

Das 13:30 às 16:00
Uma Sexta-feira por mês

O singular e o outro

A presença do outro não é acoplada ao indivíduo como se primeiro existisse por si só o indivíduo sozinho e a companhia do outro surgisse de uma soma a esse isolamento, muito pelo contrário, o sujeito sempre já trouxe consigo o outro no cerne da abertura de mundo que ele mesmo é. Somente tem lugar um estar só ôntico, a partir de uma possibilidade aberta pelo ser-com ontológico, somente pela possibilidade aberta pelo ser-com originário que o outro pode, onticamente, faltar.

A partir desse fato ontológico, o desafio passa a ser deixar de lado toda compreensão que indique um confronto intersubjetivo, como se com isso se buscasse uma experiência da vida psíquica do alheio. Não está presente aqui o problema da intersubjetividade. O outro não é alguém que se soma posteriormente à existência, mas o outro já sempre esteve junto, independentemente de sua proximidade ôntica ou não. O caráter radical dessa afirmação consiste no fato de que o sujeito humano é tão originariamente si-mesmo como é o outro.

Ao se realçar este traço do pensamento existencial significa pensar adequadamente o lugar do singular e da vida compartilhada. O que se diz aqui é que aquilo que torna o homem humano é justamente o fato de ele ser o ente ao qual a verdade se permite de forma plural. Sem tal permissão para a verdade o homem simplesmente deixa de ser o ente que é. É por meio dessa relação de pertencimento que o outro surge como co-originário em relação a todo e qualquer ente humano. O acontecimento da verdade como desvelamento unifica a experiência entorno dela e permite com isso o caráter múltiplo desse desvelar-se do “mesmo”. O mesmo aqui é o fato da verdade como desvelamento:

Assim, não podemos perder de vista que, no ser-um-com-o-outro junto ao mesmo, a mesmidade expressa uma relação essencial e, com efeito, uma relação que não se volta simplesmente para trás, na direção do ente mesmo, mas justamente se evade e se move na direção de



Paulo Victor e Ana Maria Feijoo - lançamento do livro Existência & Psicoterapia - 2017.



Evento Instituto Dasein - USU



Fernando Magliano e Paulo Victor Rodrigues - 1ª Turma de Aperfeiçoamento para professores.

muitos. Mas como é que isso se dá? Para nós, o ente por si subsistente junto ao qual somos é algo compartilhado. Ele é o mesmo para muitos, de modo que esses muitos se tornam um “nós”. (Heidegger, 2009, p. 102).

Um pouco mais adiante no mesmo texto, Heidegger complementa: “Ser-com junto ao ente é compartilhar do desvelamento do ente.” (Heidegger, 2009, p.111). Portanto, é pela mesmidade do desvelamento da verdade que a vida humana se organiza, reconhecendo por meio desse movimento um “nós”, possibilitado pelo caráter de evasão do acontecimento da verdade. Tal contemplar fundamental arrebatada e, silenciosamente, insere na visualização do co-pertencimento ao mesmo, mas nunca ao igual. Agora, por meio desse visualizar essencial, os errantes dessa jornada se posicionam verdadeiramente juntos, uni-

Paulo Victor Rodrigues da Costa

dos por meio do espanto da visão fugidia do que se entrega em retirada. O que tenta ser evidenciado com isso é o fato de um “nós” surgir tão imediatamente quanto um “eu”.

Referências:

Heidegger (2009), M. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

Doutor em Filosofia. Professor do Departamento de Psicologia da UERJ. Professor do IFEN. Especialista pelo IFEN. Psicólogo Clínico.



Tudo bons rapazes! As complexas relações entre psicoterapia existencial e ética

Tudo bons rapazes foi o título que se deu em Portugal ao filme de Martin Scorsese, *Goodfellas* (no Brasil foi intitulado *Os companheiros*). O título escolhido em Portugal é uma expressão idiomática no nosso território e inclui um componente irônico, dado que estamos a falar de um conjunto de pessoas pertencentes à Máfia. Utiliza-se quando falamos de pessoas, habitualmente combinadas, de moralidade duvidosa e até com prática de atos ilícitos, embora tentem preservar uma aparência de “bons costumes”.

A expressão foi utilizada como título desta comunicação para designar os psicoterapeutas existenciais que pretendem passar a imagem de “bons rapazes/ raparigas” a partir de uma suposta ética relacional (passe o pleonismo) inerente ao próprio pensamento existencial. O questionamento, muito sério, que trago à colação é o seguinte: existirá uma tal ética existencial?

O motivo próximo da partilha destas preocupações radica numa experiência pessoal que servirá de mote às reflexões sobre estas complexas relações entre psicoterapia existencial e ética. Após uma conferência em Congresso Internacional no Rio de Janeiro, há alguns anos, fui interpelado, em

privado, por uma jovem psicanalista brasileira, que pediu alguns minutos da minha atenção e me relatou a sua história pessoal.

– *Gostei muito da sua palestra, mas para mim, todo esse papo dos psicoterapeutas existenciais sobre cuidado, preocupação com o outro, autenticidade é mentira, sem querer ofender.*

Relata-me então, com algum detalhe o modo como se sentiu usada por um psicoterapeuta existencial com quem se envolveu e por quem se apaixonou. A partir da sua decepção a jovem psicanalista interpelava-me: *como pode uma pessoa manipuladora e egoísta assim, ser um bom psicoterapeuta? Onde está o cuidado do outro? Onde a autenticidade do existir? Se ele tem fama de ser um psicoterapeuta top alguma coisa está errada aqui. Como pode ter essa atitude com os pacientes e não com as pessoas com quem se envolve?*

Note-se que podem estar em jogo nesta interpelação duas questões que do ponto de vista que defendo, radicam em dois equívocos. Um primeiro pressuposto, que não desenvolvemos, de que os psicoterapeutas têm digamos uma obrigação especial de ser “boas pessoas” (bons rapazes para remeter ao título com

Victor Amorim Rodrigues

que começámos). O moralismo desta posição salta à vista, mas é também um mote para reflexão.

O segundo pressuposto, que interessa discutir em maior profundidade, é a posição de que as noções mobilizadas pelo pensamento existencial, como cuidado ou autenticidade, são intrinsecamente de natureza ética apesar dos avisos de Heidegger em sentido contrário em vários textos nomeadamente na *Carta sobre o humanismo*. É a psicoterapia existencial uma empresa ética, à semelhança do que Lacan defendia para a psicanálise?

Referências:

Heidegger, M. (2002) *Lettre sur l'humanisme (Lettre à Jean Beaufret)*, Paris: Gallimard

Lacan, J. (1988) *Seminário VII - A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Scorsese, M. (1990) *Goodfellas*. USA: Warner Bros

Médico Psiquiatra. Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Presidente da Federação Portuguesa de Psicoterapia.



Alexandre Tzan, Victor Amorim e Roberto Novaes.
II Congresso Luso Brasileiro - UERJ - 2017

Grupo de Estudos

Psicologia e Literatura

Aulas 100% ONLINE
AO VIVO

Em Agosto

1 Sexta por mês
das 16h às 18:30h

Ministrado pelo Professor:
Yan Sousa Almeida
CRP: 05/60428

Informações:
ifen@ifen.com.br
21 983399023

Grupo de Estudos

Kierkegaard

Prof.ª. Myriam Moreira Protásio
CRP: 05/07251

Aulas 100% ONLINE
AO VIVO

Início em agosto

Uma Sexta-feira por mês
Das 16:00 às 18:30

Início em agosto

Suicídio



Público alvo: Alunos, profissionais de psicologia e áreas afins.

Formação de Profissionais de Psicologia e Áreas Afins para Atuação Clínica em Situações de Suicídio - Perspectiva Fenomenológico-Existencial

Ministrado pela professora e Psicóloga:
M^{te} Bernadete Medeiros
Fernandes Lessa
CRP: 05/14890
Psicóloga Clínica

1 Sábado por mês
Aulas 100% ONLINE
AO VIVO
zoom
ifen@ifen.com.br
21 98725-6475

IFEN

Grupo de Estudos

Grupo de Estudos Aprofundados em Clínica Fenomenológico-Existencial

1 Sexta por mês das
14h às 18h



Ministrado pela Professora
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
CRP: 05/2834

Informações:
ifen@ifen.com.br
21 98725-6475

Aulas 100% ONLINE
AO VIVO
zoom

Formação em Psicologia Clínica Infantojuvenil



Ψ

Ministrado pela professora e Psicóloga:
Elaine Lopez Feijoo
CRP 05/25783
Psicóloga Clínica

Aulas 100% ONLINE
AO VIVO
zoom

Carga Horária
194h
Início em agosto

“Parceria, do latim *Partialis*, partes que compartilham intenções”

Quais intenções nos movem? Onde a intenção de cada um encontra a do outro? E se encontra, como podemos somar? Com estas perguntas começo a minha homenagem aos 25 anos do IFEN, pois com elas pretendo explicitar minha experiência junto a este espaço de formação, reflexão e construção de uma psicologia não hegemônica, mas sim, crítica, sensível e acima de tudo atenta ao existente humano em sua radicalidade.

Mas o IFEN não é uma coisa ou instituição, nem mesmo um lugar físico, ele é o encontro de indivíduos: fundadoras, sócias, professores, colaboradores e estudantes. Este encontro há 25 anos influencia e abre possibilidades para cada um dos que dele participam. Como todo encontro, tem também seus desencontros, nada mais afinado com a compreensão da existência que compartilhamos, uma compreensão que não visa controlar, prever ou antecipar o porvir, mas que marca nossos modos de ser. Esta marca se constitui desde ouvir atentamente a professora Ana Feijoo questionar o modelo subjetivista e positivista do ser humano tão comum aos saberes “Psi”, assim como, se encantar ao vê-la refletir sobre as compreensões possíveis de uma situação clínica, isso tudo em meio a uma conversa sensível com autores como Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa entre outros.

De minha profunda admiração por Ana e todo o grupo do IFEN, de meus estudos no doutorado e no IFEN nasceu uma parceria institucional e acadêmica com o meu instituto NU-CAFE (Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial) e com instituições de Ensino Superior com as quais mantinha convênios, que me permitiram oferecer uma Especialização em Psicologia Clínica Fenomenológica Existencial. A confiança mútua e a parceira estabelecida são uma demonstração do que uma parceria em seu sentido mais originário pode nos oferecer, ou seja, como partes que compartilham intenções. E que intenções foram essas? As de oferecer

Alexandre Trzan-Ávila

uma formação séria, com excelentes professores, que cada estudante tenha a chance de realmente encontrar os pressupostos filosóficos que orientam essa prática clínica com rigor e um olhar ético-político que desvele os sentidos que sustentam nosso horizonte histórico ainda tão marcado por desigualdade, preconceito, moralismos e violências de toda ordem.

Finalizo agradecendo a toda equipe do IFEN, mas principalmente a Ana Feijoo que tem por todos estes anos trabalhado arduamente, com dedicação, afinho, seriedade e que, sem dúvida, se hoje temos no Brasil tantos professores, estudantes e disciplinas em graduações e pós-graduações sobre o pensamento fenomenológico-existencial, devemos muito a Ana e todo o seu trabalho como professora, supervisora, palestrante e amiga. Parabéns ao IFEN em seus belíssimos 25 anos de jornada!

Doutor em Psicologia. Especialista pelo IFEN. Docente de Psicologia. Fundador do Instituto NUCAFE.



Alexandre Trzan em apresentação no II Congresso Luso Brasileiro com Yolanda Cintrão e Henriette Morato - 2017.

Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial

Reconhecido pelo MEC

- ✓ Aulas *online* e ao vivo (gravações disponibilizadas aos alunos)
- ✓ Monografia opcional
- ✓ Aproveitamento de créditos para alunos IFEN e de outros Cursos de Especialização na Perspectiva Fenomenológico-Existencial
- ✓ Todo o conteúdo programático em 2021 será atravessado pela questão do contemporâneo e suas repercussões na prática clínica

Carga horária:
360 horas



Projeto Político-Pedagógico:
Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Responsável Técnica:
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Disciplinas

- Elementos introdutórios do pensamento existencial
- Contribuições do pensamento de Kierkegaard para a compreensão da psicologia existencial e suas práticas
- O pensamento de Nietzsche e contribuições para a clínica psicológica
- Contribuições do pensamento de Heidegger para a compreensão da psicologia existencial
- A Daseinsanálise em Binswanger e Boss: A construção de uma perspectiva clínica
- Contribuições do pensamento de Sartre para a compreensão de uma psicanálise existencial
- Interlocuções entre Filosofia, Literatura e Psicologia
- Psicopatologia e suas perspectivas: clássica, fenomenológica e hermenêutica
- A clínica psicológica em suas diferentes modalidades
- A clínica psicológica em situações limites
- Psicologia clínica e saúde mental
- Uma proposta de clínica psicológica – um retorno à psicologia fenomenológico-existencial
- Uma proposta de clínica psicológica com bases fenomenológico-existenciais no contemporâneo
- Contemporaneidade, sofrimento e patologização da vida
- As discussões do contemporâneo em Kierkegaard
- Kierkegaard e as personificações dos diferentes estádios da existência
- Nietzsche e o contemporâneo
- Estudos Aprofundados da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger
- Heidegger em sua fase tardia
- Sartre e o contemporâneo
- Os grandes escritores luso brasileiros: Literatura e Poesia
- O método fenomenológico e seus desdobramentos nas investigações em psicologia
- Etapas na elaboração de um projeto de pesquisa
- Seminários Metodológicos: Defesas de Monografia
- A clínica psicológica e o exercício do saber-fazer
- Orientação de Monografia



Lançamento Edições IFEN



Das 18h de 28/05
às 23h59 de 29/05,
toda compra feita na editora terá
15% de desconto



INFORMAÇÕES:

www.ifen.com.br/site/loja

edicoesifen@ifen.com.br

Tels.: (21) 98898-8690 / 2208-6473



Frete grátis para
todo o Brasil